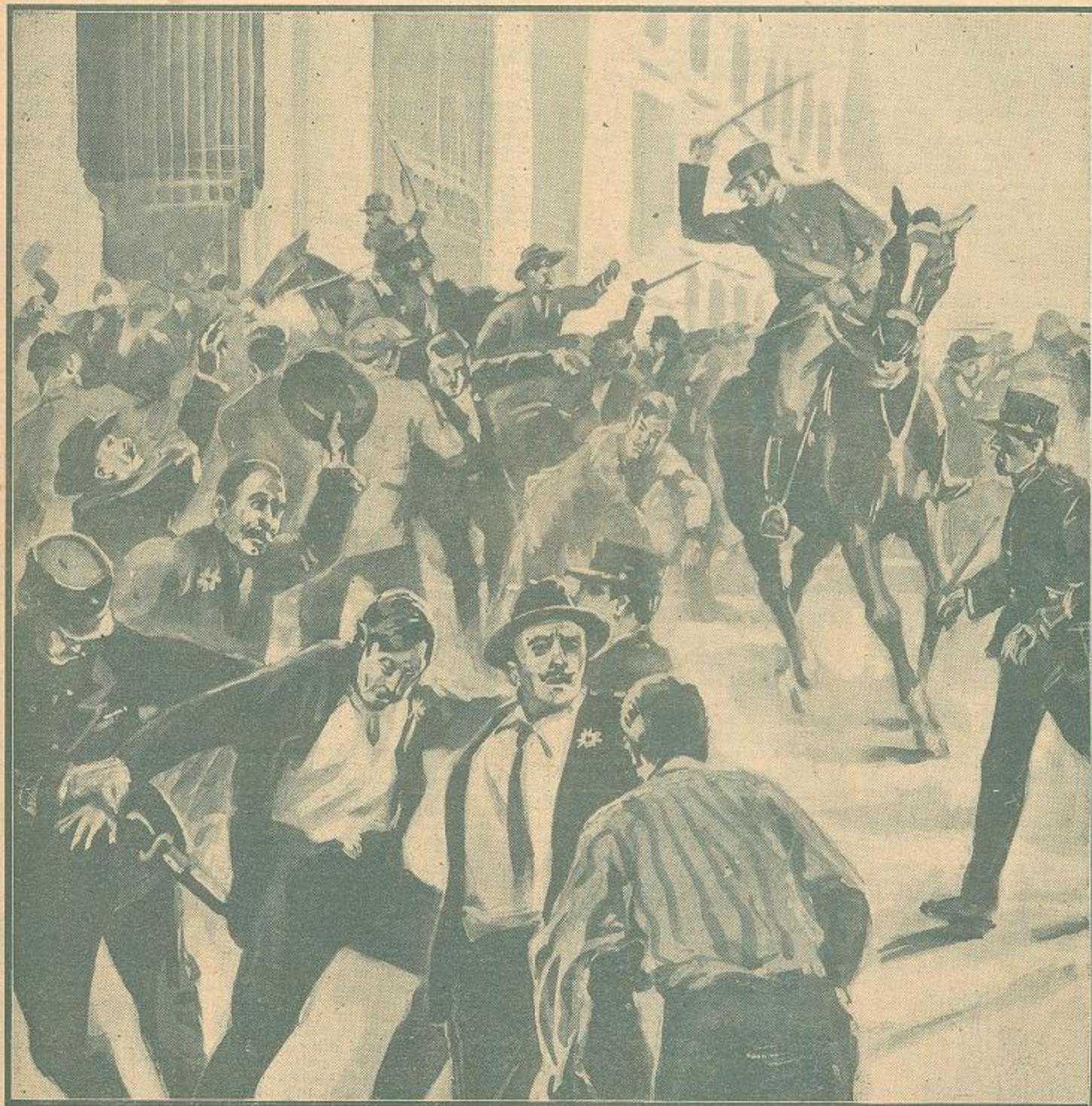
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II—NUMERO 71 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS – TEATROS SPORTS & AVENTURAS – CONSULTORIOS & UTILIDADES

A guerra dos malmequeres brancos e dos cravos vermelhos!

O povo apanhando para o seu tabaco á saida do palacio do Congresso da Republica, ostentando os partidarios pró e contra a "regie" cravos e malmequeres...

O grande espectaculo mundano são as corridas do Jockey-Club

O DOMINGO ilustrado

ANO II — N.º 71

LISBOA 23 DE MAIO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSAO—R. do Seculo, 150

ECOS

A «reprise» dos sinaleiros

Todos notaram ultimamente nas ruas de maior movimento grandes facilidades no transito, perfeitamente desimpedido e rapido, sem aglomeração de veiculos, conflitos, compassos de espera ou complicações.

Isto verificou-se durante a ausencia daqueles policias sinaleiros, que rodeados de numeroso publico, passam horas pelas esquinas a fazer gestos equivocos.

Parece que a sua ausencia resultou do facto de ninguem lhes querer pagar tão extenuante encargo, nem a Camara, nem a policia.

E como perante esta injusta falta de compensação e de pagamento ao seu fatigante trabalho, a gesticulação que a sua indignada revolta lhes aconselhava era pouco digna de verse e apresentar-se em publico, deliberaram retirar-se discretamente.

E consta-nos que aproveitando as faculdades desenvolvidas no optimo exercicio a que o seu cargo os obrigou, alguns iam já dedicar-se a regentes de orquestra e outros ao cinema, por serem tambem profissões em que, na verde, o *gesto é tudo*. Foi pena. Assim não estamos livres de apanhar uma cacetetada.

As ideias do «Domingo ilustrado»

A comissão das festas dos jardins adoptou o nosso alvitre da venda de quadras dos nossos melhores poetas, para fins de beneficencia.

E' uma ideia de simples realisação e que poderá ser de otimos resultados para o fim a que se destina, se todos de quem ela depende quizerem dar-lhe o seu valioso concurso. Assim o esperamos.

O «Domingo ilustrado» é representado na comissão das festas e a convite da mesma, pelo nosso director, Leitão de Barros, e pelo nosso ilustre colaborador dr. Augusto Cunha.

Poesia ingleza...

Uma casa ingleza, de maquinas de escrever, torna-se notada estre nós pela furia poetica que se apossa dos seus dirigentes, ao redigirem extranhos anuncios como este que o «Noticias» em grossa parangona publicou:

«Talvez não haja mil coisas mais lindas naquela terra radiante que é o Mont'Estoril na primavera, que um rancho de margaridas tremidas pela brisa e todo scintilante de sol. Um poeta podia vê-las como etéreo fenomeno da Natureza, inspirando sonhos e prégando além dos silencios, durante o seu breve transito do arco do destino, encantadoras filosofias e vibrantes evangelhos para a vida humana.

Salvé! O Reinado da Natureza que anima os pobres e ricos, educa os novos e velhos, e—ajudado pela irmã Remington—embeleza os arquivos da memoria e os livros dos povos.»

E mais adiante diz: «A Remington Portatil é compacta, forte, duravel, simp'es, facil de manejar e produz trabalho espantosamente belo...»

Esta ideia poetica, das «margaridas tremidas», e «esta beleza compacta, forte, duravel e facil de manejar...»

Só dum poeta inglez, depois de almoçar... Chega-se a gente a convencer que o nosso cauteleiro fardado em Londres devia ter entrada na Academia de Poesia...

PREÇOS

—O quê? Então a amputação duma perna custa-me dez contos?! Eu por metade do preço arranjava quem me cortasse as duas!

Má língua

TABACO, & C.ª

Deixei de ser—não seguem neste rastro?—
um grande fumador. Meu fragil barco
nem é Augusto nem nasceu de Castro;
não zêlo, pois, «fumos» do meu cigarro

Sósinho; acobertado, no meu canto,
das varias tentações da vida facil
que a gente aí arrasta sem encanto
—mesmo que não pertença ao sexo grácil,

eu tenho acompanhado nas gazêtas
a historia tragi-cómico-politica
de mamõesinhos que procuram têtas
e papalvinhos que merecem critica...

Respeito muito as crenças liberaes
de muitos cavalheiros meus patricios;
não proclamo sistemas integraes
que libertem a Patria dos seus vicios;

por alto apontarei, de alma serena,
quanto a este caso, que impressão me traz;
dizendo coisas ao correr da pena
sem confessar a pena que me faz...

Creio que tem rugido tempestades;
se calhar, «palram pega e papagaio»...
Os «compadres» descobrem as verdades.
Trovões, trovoadas...—E' costume, em Maio.

E assim por quatro folhas de uma planta
migadas e torradas num penedo
os paes da Patria esfólam a garganta
e nos inundam de um diluvio azêdo!

As carteiras já gritam por socorro.
[Refiro-me ás carteiras para assento
sobre as quaes brota essa eloquencia a Jorro
que á Insonia desterrou do Parlamento...]

E já, numa saudade reverente
se evoca entre suspiros sobre-humanos
aquele venerando presidente
que fumava charutos peruanos...

No Eden parlamentar, pelo que ouvi,
fazem-se coisas contra o regimento
porque dez lucradores da régie
fervem num frenesi de dar ao mento.

Desancam-se os partidos. Tão partidos
que já nenhum faz-tudo os concertava,
nesse grande concerto de grunhidos
com que se espojam numa furia brava;

e arma-se um sarrabulho aterrador
tal qual a montaria a uma fera
quando se ouve falar num «dictador»
que apresente fumaças de Rivera.

Que coisa feia! Até parece mal!
Quanta miseria! Quanta alminha sonsa!
Inda hei-de ver a alma nacional
convertida por eles numa onça!

Pois não é justo que este Silva pague
o trabalho de sapa em que trabalha?
Pois quem tanto cultiva o zigue-zague
não ha de achar emfim uma mortalha?...

Por ora, o caos negro! A sanha bruta
que nos meteu neste delirio eterno.
Lisbôa é um cachimbo de cicuta
fumado pela Bocca do Inferno!

E o Zé, que paga tantas pagodeiras,
pusilanime, e ancioso, e sujo, e fraco,
interroga o cotão das algibeiras
certo de que é o batuque das carteiras
—poeira nos olhos para seu tabaco...

Parada de Gonta — TAÇO

questão prévia

O meu amigo e colega na bacharelice juridica, dr. Alfredo Guisado, a quem já aqui dirigi uma carta, que por sinal ficou sem resposta, sobre a batalha de flôres, acumula os cuidados que a vereação lisboeta dispensa aos jardins publicos com os disvelos que a mesma edilidade entende por bem proporcionar aos mortos.

Ha dias, por aquela triste e lutuosa necessidade que leva os vivos acompanhar os defuntos á chamada ultima morada, tive de visitar um dos dominios em que o dr. Guisado exerce a sua acção de Mussolini dos esqueletos.

Não tenho senão que felicita-lo pelo estado de aceio em que encontrei o cemiterio em questão. Ruas bem ensaibradas, os jazigos reverberando na luz a crueza da sua alvura restaurada a pedra pomes, os epitafios dizendo, em negro mais retinto, uma nova saudade de desoladas viuvas que, em baixo, noutras lapides funerarias, maridos sucessores por sua vez pranteiam.

Ha ordem, metodo e em tudo se nota, desde o abandonado «Crematorio» á fria capela catolica, aquele rigido arrumo que caracterisa as boas donas de casa. O melhor elogio que pode fazer-se da obra funebre-municipal do dr. Alfredo Guisado é proclama-lo, «urbi et orbi», dona de casa dos mortos, ainda que honorariamente, por atenção ao sexo e concordancia gramatical.

* * *

Todavia, se bem que os cemiterios tenham o aspecto confortavel que venho elogiando devo fazer notar que ainda não atingiram a perfeição de se poder dizer deles «que até dá gosto a gente estar sepultado». Os melhoramentos, os jazigos despidos da «patine» de antiguidade e de imundicie, as ruas bem areiadas, são para nós, para regalo dos nossos olhos vivos e sãos. O proprio tumulo dos benemeritos da cidade é para os vivos se lembrarem deles, dos benemeritos, porque a verdade é que ninguem, depois de morto, sabe se é benemerito da cidade, para de facto tirar o proveito de se sentir morando em casa aparte.

Em regra geral, os mortos continuam no aperto geral dos caixões de chumbo, modalidade de tumulisação (como principiou a dizer-se com os soldados desconhecidos) que parece inspirar-se ou ter inspirado a industria da conserva de sardinha em lata, e no desconforto das sepulturas razas, conhecidas tambem por «campa fria» nas trovas á guitarra, e que quasi toda gente ainda prefere áquela a que poderiamos chamar «campa a escaldar», a mesma que o povo ignaro derigna pelo «forno do Guisado».

Este aspecto da questão, mais do que o problema do espaço para os enterramentos, deve ter influido no espirito do dr. Alfredo Guisado ao conceber o plano de fazer sepultar os mortos de pé. E' que o ilustre vereador pensa, e muito bem, que se torna necessario dar um pouco de animação a essas misteriosas cidades subterraneas, que são os cemiterios. A posição horisontal, que tradicionalmente se tem adoptado nos enterramentos, não facilita este ponto de vista tão humanamente macabro, porque toda a gente que está no cemiterio deitada se convence que está a dormir o sôno eterno, e espera que toque o despertador do vale de Josafat. Ora, com tanta gente a dormir, os cemiterios são uma semsaboria de tal ordem que se soubesse bem o que aquilo é ninguem para lá queria ir. Sepultado de pé, os mortos já não poderão dormir e sempre sentirão o desejo de dar uma volta, criar relações, frequentarem mutuamente as sepulturas, emfim, reproduzir não direi ao vivo mas ao morto, o «Noivado no sepulcro» que fez delirar a imaginação das ultimas gerações.

Ha quem ache pouco democratico esta idéa de obrigar o povo dos covais a permanecer de pé, emquanto a burguesia dos tumulos ricos se estira nas urnas de mogno. Mas este será, certamente, o complemente do plano: as prateleiras dos jazigos substituidas por «maples» de marmore, inaugurando-se assim o sistema da sepultura de assento.

E nos cemiterios será, então, como nos teatros: quem dispõe de mais fundos vai para os fauteuils e quem é pouco abonado tem de limitar-se ao «promenoir».

Feliciano Santos

ECOS

Iniciativas

João Franco, que foi decerto o ultimo grande homem de Estado que surgiu entre nós, creou, com uma largueza de vista que não mais se repetiu, as pensões para o estrangeiro, a fim de provocar o aparecimento, nos varios ramos do ensino, dos orientadores pedagogicos precisos ao desenvolvimento da nossa cultura.

Agora que os politicos passam a vida na discussão burra das banalidades sórdidas do campanario—pensa-se apenas em reformar tudo dentro da alcova do Terreiro do Paço—como se diplomas e reformas não fossem puras balélas sem éco nem resultado, uma vez que a questão é de pessoal docente—e decente!—e não de retóricas do papel selado!

Arranjem «professores»—e deixem em paz os rapazes!

A «Contemporanea»

Dirigida pelo ilustre artista José Pacheco, recebemos o 1.º numero da nova serie desta admiravel revista, que mantem aquele brilho de arte moderna que a torna inconfundivel desde a sua aparição.

A «Contemporanea» destina-se agora a uma larga e inteligente propaganda pan-iberista, sendo o orgão da colaboração ibero-americana. José Pacheco, habil director da nova publicação, tem neste numero um grande sucesso de Arte e de literatura.

Jornais

Recebemos o segundo numero do semanario humuristico «Sempre Fixe», da inteligente direcção do nosso presado amigo Pedro Bordalo Pinheiro. Apresenta-se muito melhor do que o primeiro numero, mais rico de graça e mais interessante, tendo baixado o seu preço a cinco tostões. Desejamos-lhe longa vida que merece e felicitamos Pedro Bordalo pela sua feliz ideia.

NOS BASTIDORES

—Faça favor de bater bastantes fulminantes, porque a «guerra dos 100 anos» ha de durar pelo menos 10 minutos...

O DOMINGO ilustrado

HUMORISMO

crónica alegre

O SORRISO COMERCIAL

TODOS nós que nascemos e vivemos antes da guerra tivémos ensêjo de conhecer—de vista, pelo mênos,—o sorriso comercial.

Era um pouco mênos trágico que o sorriso da bailarina, a qual sofrendo horrores para se manter no bico dos pés, sorri, no entanto, interminavelmente. Não era mais tôlo que o sorriso mundano muito usado para faser visitas e conversar ao contrário do que se pensa. Não resultava mais artificial

que o sorriso perante o fotógrafo. Entretanto, julgo que êle constituía uma das mais pesadas servidões do comerciante d'então.

Era aquêle sorriso do marçano da mercearia aturando a freguêsa impertinente que queria á viva força cheirar a manteiga para lhe encontrar o ranço e espreitar os ovos para lhes avaliar a frescura. Era o sorriso do creado de café indo buscar o gêlo, as palhinhas, o papel de cartas e tinteiro, os jornaes ilustrados, tudo isto na mira de dois vintens de gorgêta. Era o sorriso de estanqueiro, consentindo imperturbavel que se escolhesse, em todas as caixas de charutos, o mais sêco e o melhor entre os mais baratos. Era o sorriso do pobre caixeiro de modas desarrumando uma loja inteira para uma madama comprar, afinal, dois carrinhos de linhas e metro e meio de fitilho.

Houve um tempo em que esse sorriso desapareceu. Ou por outra, passou para os lábios do freguez. Este é que se acercava dos balcões com o sorriso triste do solicitadôr, com o sorriso humilde de quem leva muito vaga esperança de conseguir ser atendido. Perguntava-se a meia voz:

—Tabaco?

—Não ha.

—Ovos?

—Acabaram-se.

—Manteiga?

—Não temos.

Ou, então, disia-se preços que, amarelecendo na bôca do freguez o tal sorriso, lhe fasiam balbuciar:

—Desculpe o incómodo!

Chegava a parecer que a guerra se fizera para a mulher dos ovos, o creado de café, o homem da tabacaria e o caixeiro da crinoline se libertarem por um tempo. Alguns até conseguiram descobrir os seus antepassados. O comerciante novo rico sentiu-se da familia do «Burguez fidalgo», o qual, se bem se recordam, não era filho de algibebe, mas sim «dum sujeito que, tendo panos em casa, condescendia em ceder alguns, por dinheiro, ás pessoas com quem simpatisava».

Pois hoje, ou será ilusão dos meus olhos enganosos, ou cuido que o sorriso comercial vae reaparecendo aos poucos nos labios em que floria outr'óra.

Ou será erro dos meus ouvidos, ou com êle já ressuscita, de quando em quando, aquéla formula antiga:—«E que mais ha-de ser?»

Se assim é, amados irmãos, devemos acreditar que tem falecido muitas das ultimas vacas gôrdas e que quasi todos voltámos a roer, tranquila e modestamente, o osso de cada dia.

«A FELICIDADE SEM CREADOS»

Falava-se de mil cousas e alguem perguntou-me:

—Sabe porque todos os arquimilionários sofrem do estômago?

—Não.

—Sofrem do estômago e nunca chegam a saborear os praseres da mêsa porque têm sempre deante dêles um *maitre d'hotel*, cujo olhar torvo e rancoroso parece seguir com reprovação o minimo gesto que êles façam.

—Não sabia... Olha que brincadeira!

—As pessoas ricas quasi não sabem conversar porque vivem na obcessão da vigilancia insultuosa dos seus lacaios. Antigamente, quando rodavam de sége, tinham por detraz de si dois creados, que, por serem de tábua, não deixavam de ser horrivelmente implicantes. Hoje que giram de automovel têm sempre deante dos olhos um dorso insolente, misterioso e irónico.

—Triste vida a das pessoas ricas!

—E' tambem muito simples a rasão porque a harmonia é cada vez mais rara nos casaes burguêses. E' que vivem na perpétua tiranía duma creada, duma cosinheira ou duma mulher a dias que, pouco a pouco, impõe os seus gostos,

regula a alimentação, determina as horas da comida, tem as suas ideias sobre a educação dos filhos, complica os problêmas basilares da manteiga, do assucar e do carvão e, finalmente, causa a ruína do lar com os seus pontos de vista especiaes em relação ao consumo da electricidade.

—Parece-lhe?

—Felizmente grande parte das chamadas creadas de servir deliberou, como as heroinas de Ibsen, «viver a sua vida» e ingressou na desditosa classe dos patrões. Quanto ás que restam serão facilmente dispensaveis no dia em que se adoptarem os conselhos deste livro...

E o meu amigo sacou do bolso uma brochura francêsa intitulada: «A felicidade sem creados».

Permiti-me lançar uma vista d'olhos por aquêle precioso volume. Um dos seus primeiros conselhos é o de irmos morar para os arredóres da cidade. Como na circumvalação não abundam os armazens de modas, as dônas de casa poderão dedicar-se exclusivamente aos arranjos caseiros. Alem disso, redusem-se, pela distancia, as relações mundanas. Fiquei scismando em que se todos fossemos viver para fóra de Lisboa, seria mais que certo fundarem-se em Caneças e Montachique de Baixo numerosas sucursaes dos Grandelas e *Robes et Manteaux* que nos envenenam hoje a existencia. E sempre acabariamos por nos relacionar, não contando com as visitas que viessem ao domingo.

Para simplificar a lida da casa aconselha o livro que se reduza o mobiliario. Ora, como se sabe, para o reduzir, e mesmo a cacos, ainda não se inventou nada como uma boa creada habituada a esses labores.

Em materia de cosinha, deveriamos usar de preferencia as iguarias de confecção quasi instantanea. Confesso que não desgosto de ovos estrelados e de sardinhas de conserva; mas hão de concordar que, por levar vinte e quatro horas a coser, a cabeça de vitéla, desde que seja acompanhada, entre outros tempêros, da cebolinha picada, tambem não deixa de ter o seu merecimento. O livro leva mesmo o seu rigor a preconisar a supressão do fogão, isto é: quer-nos limitar ao regimen das carnes frias.

Fechei o livro um pouco desconsolado. Ainda não é dentre as suas paginas que ha-de surgir a Felicidade Universal. Iriamos parar, quando muito, á pipa de Diógenes, o que equivaleria a sermos embarrilados mais uma vez.

Por mim, áquêles a quem pése a tirania dos creados, um conselho me permito dar: vão servir para casa dos outros, de preferencia para casa dos novos ricos. Terão ocasião de passar uma existencia tranquila e regalada, de fumar bons charutos, de comer os melhores bocados e de ver a vida pelo seu unico aspecto verdadeiro: o do buraco da fechadura.

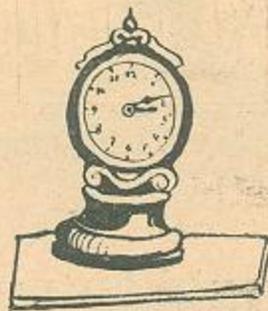
O NOSSO HOMEM

O nosso *pauliteiro* está contando uma historia:

—Nisto, o relógio bateu duas e dez.

Alguem do lado interrompe:

—Ó velhinho! Isso deve ser enga-

no. Nunca se ouviu um relógio bater duas e dez.

—Perdão! explica êle. E' que este estava um pouco adeantado...

ANDRÉ BRUN

PESQUISAS...

—Então como é que achou o bifesinho?
—Achei-o depois de o ter procurado um bocado no prato...

PRINCIPIO...

—E como se teria lembrado o primeiro homem da idéia de fogo?
Naturalmente porque viu uma chaminé!

VARIA

Notas comicas

QUEM VÊ CARAS...

—Eu cá tenho nove anos. E a senhora?
—Eu, meu filho, tenho a edade que pareço ter...
—O quê, tantos anos?

AGUA NO BICO...

—Querido papá, senta-te aqui nesta poltrona, toma o teu cachimbo, o teu jornal, as tuas pantufas... que dizes aos nossos chapeus novos?

TUDO AUMENTA

—Oh! Lili, então dois e dois são seis? No meu tempo de escola, aprendi que eram quatro...
—Então que queres avósinho tudo tem aumentado tanto!...

INDIGNAÇÃO...

—E' um patife, um malandrão, um pulha, um tratante! E olhe que lh'o digo na cara, em duas palavras.
—Em duas palavras é que o senhor nunca lhe poderá dizer isso tudo!

Curiosidades

UMA CHINEZICE

Um dos mais célebres pintores chineses foi Tsao-Puh-Yung, e conta-se que num quadro que ofereceu ao imperador pintou umas moscas como se estivessem pousando sôbre flores, e com tal perfeição desenhou alguns dos insectos que o imperador quiz enxotá-los com um lenço.

LAPIDES COM RETRATOS

Começam a usar-se nos Estados Unidos umas lapides funebres feitas de vidro, com os retratos dos defuntos aplicados á chapa, quando esta é fundida.

MAQUINAS DE VENDER JORNAES

Funcionam em Berlim duzentas maquinas automaticas para a venda dos jornaes diarios de maior circulação.

POVO IDEAL

A povoação de Klingenberg (Alemanha) é verdadeiramente ideal, pois que, além de não pagar nenhum imposto ou contribuição, ainda os individuos que o constituem recebem dinheiro. Coube, em 1906, a cada habitante de Klingenberg o quociente de cincoenta mil réis como participação nos lucros das fabricas municipaes, de tijolo.

A VELOCIDADE DOS AVESTRUZES

Tem-se observado que os avestruzes podem viajar com uma velocidade de dois kilometros por minuto, aproximadamente.

BEIJINHOS DE FREIRA

Preparam-se do seguinte modo estes apreciadissimos bolos doces:

Levam-se 600 gramas de assucar a ponto de pérola, e logo que o assucar estiver no ponto, adicionam-se-lhe 130 gramas de amendoa dôce bem ralada. Deixa-se levantar fervura, tira-se do lume, deita-se em um vaso de barro vidrado, bate-se com 16 ovos, uma colher das de sopa de canela, e a casca ralada de um limão pequeno. Tempera-se de sal, e vae outra vez ao lume, mexendo sempre até engrossar, de fórma que se possam fazer os bôlos ou beijinhos á mão; dispõem-se em seguida em latas untadas com manteiga e levam-se á fornalha em fogo brando, a cozer.

A CELULOIDE

Até agora, não tinha sido ainda aplicada a celuloide nas escovas senão nas costas das mesmas; porém, uma casa parisiense já fabrica esses utensilios, por inteiro, com a referida substancia, isto é, as proprias barbas das escovas já são de celuloide.

Diz-se que as novas escovas, além de servirem como todas as outras escovas para os fins já conhecidos, são mais faceis de limpar e não reteem o pó nem as impurezas que tão facilmente aderem ás barbas ou pelos das escovas ordinarias.

COMO SE OBTEM MANTEIGA FRESCA NA ESTAÇÃO CALMOSA

Para se obter manteiga fresca na estação calmosa, toma-se uma dessas caixas de folha, quadradas, das bolachas, enche-se até tres quartas partes de areia molhada e misturada com uma quarta parte de sal. A manteiga põe-se n'um boião, e enterra-se este na areia até aos bordos, e tapa-se em seguida a caixa com uma tampa bem justa.

EXTRACTO VERDADEIRO DE CAFÉ

O verdadeiro extracto do café faz-se do seguinte modo:

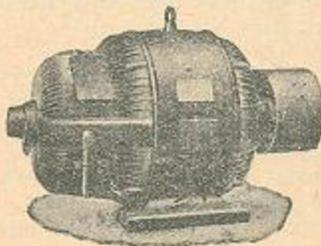
Com uma porção de café moído e a quantidade necessaria de agua a ferver, faz-se uma decocção até que, depois de passado por coador, dê metade, em peso, de fluido. Deitando n'este duas decimas partes de assucar, deixa-se evaporar num prato de guardanapo, a uma temperatura não excedente a 60 graus centigrados, até que, ao deitar-se uma gota do liquido num prato de vidro, fique dura ao arrefecer.

Quando atinge este ponto, vasa-se nas fôrmas, que devem dar á massa solidificada a fórma de pastilhas, as quaes, para mais agradarem á vista, se embrulham em laminas de estanho.

COELHOS TREPADORES

As patas de certos coelhos australianos apresentam uma adaptação gradual a um novo modo de locomoção. Com efeito, tem-se observado ali que esses animaes se vão tornando trepadores, subindo ás arvores em busca de alimento. Por consequencia, as patas vão-se-lhe tornando mais musculosas e as unhas mais compridas e ponteagudas.

Notas comicas

CONTAS DE SOMAR

—Vais abrir a janela tendo esta sala uma temperatura de sete graus.
—Mas justamente, com cinco que ha lá fóra, sempre fazem doze...

HISTORIA NATURAL

—Onde se encontra o carvão?
—Nos carvoeiros...

OBRA PRIMA

O meu quadro para as Belas Artes representa a morte de Socrates. Com uma mão sustenta o vaso da cicuta, e com a outra... dá o ultimo suspiro...

UM BOM AMADOR DE ARTE

Sim senhor, o quadro está bom, mas você não pode aumentar um andar á casa? Sempre valeria mais...

O DOMINGO ilustrado

TEATROS

cá por dentro

Henrique de Albuquerque. A sua festa

Henrique de Albuquerque, um dos grandes valores do teatro português, primeira figura masculina da companhia do Gymnasio, faz n'aquele teatro a sua festa a 26, com a «reprise» do formidavel exito «Banca á Gloria».

Não precisa adjectivos esse «bom» actor da «bôa» escola que é Henrique de Albuquerque. A sua noite será um espectaculo indiscutivel-mente brilhante.

Chaby, em Leiria, ou a historia do papel hi ienico

Enviam-nos de Leiria o importante jornal distrital «O Mensageiro», onde se faz a critica que segue á companhia Chaby Pinheiro.

Temos a maior admiração pessoal pelo grande actor, mas, por isso mesmo, damos publicidade ao que se acaba de passar em Leiria, porque esses factos só redundam no desprestigio da arte dramatica.

Ao que parece, a companhia, pessimamente organisada, como se sabe, desagradou completamente, e no dia seguinte a uma das pateadas Chaby, que devia estar muito superior a estas coisas, foi a uma farmacia pedir papel higienico, pretendendo, além disso, em extranho capricho, que o farmaceutico, que foi na vespera exigente espectador, lhe prestasse o serviço para que o mesmo material serve. Houve mosquitos por cordas! E, assim, chega-lhe o «Mensageiro».

«Este processo de organisar companhias tem de acabar. E' necessario que pela provincia comece a reacção contra essa série de aventuras, para que os directores das «tournées» se convençam que por cá não se recebem os maus, pela mesma forma com que se aplaudem e acarinham os que são bons.

«O resultado dos processos fáceis, com que os responsáveis das «tournées» organisam o seu elenco, teve-o o actor Chaby Pinheiro. A sua apresentação em Leiria com a peça «Conde Barão» foi tão desastrada, que o público viu-se na necessidade de interromper o espectaculo, por uma forma que não deve ter agradado muito ao ilustre artista.

«Já porque a peça não tem oportunidade, mas tambem porque o grupo de artistas que a levou á cena não tem qualidades para arcar com a responsabilidade da interpretação de tal peça, Chaby Pinheiro teve de receber uma manifestação de desagrado, que lhe deu a certeza da repulsa que invadiu os espectadores ante uma audácia tamanha.

«Tenham, pois, a certeza os srs. actores emprezarios que não é no campo da aventura que solidificam o seu nome. Organisem «tournées» dignas e apresentaveis, e abandonem a ideia do lucro com o menor esforço.

O alecrim e a mangerôna

—SABE o que resultaria do conflito entre as empresas teatraes e jornalisticas, se se mantivessem todas nas suas posições e não houvesse transigencias e dêfecções?

—Ainda não pensei nisso. Acho que o caso não tem uma importancia social por aí além.

—Resultava o seguinte: que os teátros limitariam a sua publicidade—reduzindo-a talvez, se lha salgassem demasiado—a trez ou quatro jornaes; que os outros nunca mais veriam uma linha dos anuncios que por vezes solicitam em altos brados, que, tendo de pagar os bilhetes dos criticos, só os trez ou quatro jornaes favorecidos pelos anuncios o fariam, um pouco por honra da firma e, ainda assim, escolhendo os espectaculos que entendessem ser merecedôres de critica.

—Morriam então do mesmo golpe os cultivadores da *borla* de jornal e a maior parte dos criticos?

—Dos primeiros poucas saudades deveriam restar. Raras vêses são os jornalistas quem utilisa os bilhetes de redacção. Pergunte aos camaroteiros de teátro que espécie de gente aparece quasi sempre a requisitá-los. Já vi, numa récita de gala dos Padrões de Guerra e no teatro Nacional, um marinheiro sentado numa cadeira de critico e ainda ha pouco um administrador de grande jornal contava que, tendo utilisado com sua esposa dois dos quatro bilhêtes da gasêta, viu os outros logares ocupados por duas senhoras de meia porta. E o tráfico de bilhetes de jornal em cafés da Baixa? Alguem o ignora porventura? E as creaturas de chaile e lenço pedindo nas bilheteiras para lhes trocarem um *fauteuil* por duas geraes? E' rara a semana em que não sucede este episódio. Descance que os jornalistas não deixariam d'ir ao teátro As empresas não lhe negariam bilhêtes, como os não negam aos artistas d'outras compahnias, aos autores dramáticos, etc. Simplesmente, sabiam a quem os davam e teriam toda a rasão de os recusar em noites de enchente.

—E os criticos de jornaes de restrita tiragem, cuja publicidade deixaria de interessar ás empresas?

—Seria lamentavel que alguns dêles não publicassem as suas impressões; mas—aqui para nós—a maior parte não faria uma falta sensivel. Ha vinte e cinco anos que levo vida de teatro e são ás centenas os senhores, alguns quasi analfabétos em assuntos teatraes a quem tenho ouvido chamar criticos. De toda essa multidão ficam, num quarto de seculo, dez nomes, se tanto. Percorra as bibliotécas. Veja quantos volumes de impressões de teatro o senhor encontra. Os livros notaveis do Reis Gomes, que escreve na Madeira, os folhetos da *Mascara* de Manuel de Sousa Pinto, a edição das verrinosas paginas de *Braz Burity*... Não me lembro de mais nada que mereça referencia. Se o actual conflito só tivesse como resultado uma selecção da critica, já esse seria muito apreciavel.

—Mas, em seu pensar, que sairá afinal de tudo isto?

—O que costuma saír dos conflitos portuguêses: uma grande excitação de começo, ditos violentos, represálias, etc, e, pouco depois, um regresso gradual ao *stato quo ante*. Temos mau génio; mas não somos de reservas. Se não sabemos ser persistentes nas nossas amisades, tambem o não somos nos nossos ressentimentos. Depois, os teátros quasi todos mudam de empresa mais a meúdo do que certos empresários de camisa. Quem vem de novo traz ideias diversas. Fazem-se pequenas combinações e, meia volta andada, está-se de novo nos erros tradicionaes. O grande caracteristico da gente de teátro é a vaidade e nada a alimenta melhor do que a imprensa, tal como ela é actualmente. E' natural, pois, que sobrevenha um novo entendimento, que será, afinal, o velho. Desde sempre tenho ouvido falar nesta questão dos bilhetes de jornaes. Falou-se mais uma vez em voz alta. Não será a ultima.

A. B.

comentarios

Henrique Roldão

No nosso ultimo numero publicámos uma local referente ao nosso querido chefe de redacção, socio e amigo, o ilustre escritor, Henrique Roldão, actualmente no Brazil, que saiu truncada.

Embora fosse transparente o espirito de «charge» e de bôa camaradagem que essas palavras envolviam, alguem supoz que haveria «alguma coisa» entre nós e o nosso querido amigo e colaborador.

O caracter de Henrique Roldão bem como a nossa lealdade estão acima de qualquer suspeita. A referencia aos «magros francos», pura brincadeira de camaradas da mesma banca de trabalho—não envolve, nem ao de leve a honestidade bem conhecida do nosso velho amigo e colaborador desde o primeiro momento. O que ha, e sempre houve, é a nossa inalteravel admiração pelo talento e pelo caracter de Henrique Roldão, a acrescida das saudades sinceras que a sua ausencia—oxalá breve!—nos faz sentir.

O triste espectaculo do Nacional

Comicios, reuniões, imposições, planos, reformas, discursos, manifestos. E agora? Agora nada. Tudo parado, tudo turvo, tudo escuro.

Ao que se diz, o Nacional, na primeira epoca, será, mais uma vez, um vasadoiro dos restos miseraveis, sem eira nem beira, onde algumas senhoras aflictas pedirão o emprestimo do cavalheiro respeitavel que é o Estado. Asfixiada pelas nuvens de papel selado que lhe levantaram em volta, a pseudo-reforma morrerá. Chegar-se-ha a Outubro sem um plano, sem um programa e, a velha buceta doirada e caruncosa dará, por mais um inverno triste, um tristissimo espectaculo.

Artistas novos

Mercedes de Almeida, gentil figurinha dos nossos palcos, e que na companhia do Gymnasio, durante toda a epoca, marcou um lugar de elegancia, de talento, e de graça, tendo feito ultimamente ali a sua primeira festa artistica.

S. Luiz — Companhia Armando Vasconcelos com Auzenda de Oliveira. «Mam'zelle Nitouche».

Gymnasio — «O Rosario» com Palmira Bastos, Gil Ferreira e Silvestre Alegrim. Enorme exito.

Avenida — Sempre «O Pão de Ló» peça de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

Politeama — Sessões cinematograficas e variedades.

Nacional — Grande exito da peça «Papillon, o bom rapaz», tradução do actor Antonio Pinheiro.

Trindade — Companhia hespanhola do actor Ernesto Vilches

Apolo — Companhia sobre a direcção de Rafael Marques, «Amor de Perdição»

Eden — A aplaudida revista «Fox-Trot».

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

LEIA ESTA NOVELA, QUE O COMOVE

UM SUICIDA DE 13 ANOS

Admiravel, pungente, impressionante pagina, cheia de côr e de vida.

EU sou dos que julgam que os grandes dramas da existencia se desenrolam no maior silencio. Não creio nas dores solenes e espectaculosas de longos crepes caros. As lagrimas mais fortes não chegam aos olhos—cristalisam na alma, em chagas fundas, terriveis e insondaveis.

A historia do suicida do Jardim de Santos,—que os alunos de medicina esquartejaram tranquilamente numa destas manhãs gloriosas de maio no seu teatro anatomico—é um desses dramas pungentes que mal afloram ao noticiario rapido dos jornaes e que se perdem afogados na mediocridade dos seus protagonistas, como o personagem deste, um pobre garoto de treze anos — raquitico, tuberculoso, corcunda — mólho de peles e de ossos—«*O Corcunda da Rocha*».

E, no entanto, que estranha e dolorosa tragedia não está por detraz desse suicidio frio, sereno, longo, terrivel do pequeno corcunda da Rocha do Conde de Obidos!

* * *

O garoto que emborcou, no marco fontenario, um pucaro de agua, onde dissolvera pacientemente as cabeças dos fosforos de duas caixas, foi actor dum drama que nos comove.

Quando o vi, estendido na relva, contorcido, seco, esverdeado á luz tristissima da madrugada—eu considerei o eterno drama da selecção violenta e a eterna comedia da assistencia social.

Porque morreu o corcundinha vendedor de jornais, que gritava, roufenho, de dentro do seu cachecol de lã, nas manhãs de frio, o titulo alegre do nosso jornal?

Porque foi ele, resoluto e triste, depois da venda, comprar os fosforos ao quiosque do Conde Barão, e veiu depois parti-los, já noite velha, no banco do Jardim?

Que dôr intima, pertubante, imensa, afogou em lagrimas, nessa noite, a sua garganta seca e o seu peito fraco, e o fez tomar a beberagem terrivel, cujos efeitos sofreu sem um gemido, em contorsões de desespero sobre a areia do arruamento?

* * *

Toda a tarde o corcundinha estivera no seu lugar de morte.

Aquele aleijão monstruoso das costas, que lhe encovava a cabecita magra entre os ombros estreitos, era o seu pesadelo e a sua tortura. Não se conformaria nunca!

Ele via, na estancia em frente, os homens vigorosos, carregando descalços as longas taboas pesadas sobre os ombros fortes, e sabia que jamais o seu corpito debil teria valor ou força.

Era o «Corcundinha da Rocha do Conde de Obidos»...

Ele era agil e esperto, ladino nas contas e arrojado no negocio. Levantava, nas casas de venda dos jornais, mais do que os outros, e os chefes de vendedores fiavam-lhe, porque ele tinha a honra do comerciante pequeno —que era o seu unico capital.

E tanto que foi ele, devorado por essa chama de sport que em boa hora tocou os nossos rapazes, que juntara, como principal accionista, o dinheiro

A rapaziada jogava entusiasmada sobre o terreno do Aterro...

duma bóla, com que a rapaziada da rua satisfazia a sua ansia do «shooting».

E entrara radiante no pateo onde viviam, com a bola nova. E foi ele a alma do grupo que se ia formar. E foi o seu espirito de economia e de organisação que reunira todos e conseguira, emfim, dar corpo e realisação ao sonho da petisada descalça da viela...

* * *

Ainda o admitiram uma vez ao jogo. Sobre a terra doirada do Aterro a rapasiada extremava campos e o corcundinha jogou. Mas não podia! Cançava logo—congestionava-se-lhe a face magra, sob as convulsões da tosse e do cansaço.

Automaticamente punham-no de lado. Ele pedia, invocava os seus direitos, lembrava que fôra ele que juntara, que comprara... mas ninguem o ouvia. Organisaram-se corridas, toda uma hipotese desportiva se realisava depois da venda dos jornais da manhã, naquele «stadium» de montureira nas terras do Aterro—mas o corcundinha ficava de fóra, impar, só, seguindo com os olhinhos melancolicos os corpos elasticos e ageis dos companheiros, rodopiando felizes sobre o terreno batido pelo sol.

Então, ia-se embora, os olhos no chão e a cabeça mais encolhida entre os ossos dos ombros—agudos como as azas dum morcego pequeno. Encolhido, voltava a casa.

Duas lagrimas bailaram-lhe nos olhos pestanudos e escuros, que as olheiras doentes aumentavam com uma caracterisação de tragedia.

A corcunda! E nos cristais polidos das «vitrines» a sua face chupada, a sair da camisita clara, onde a corcunda fazia o volume duma abobora grande, causava-lhe horror! E tanta gente direita! E tanta gente feliz! E tantos homens fortes! E êle assim!

* * *

Quiz tirar a bóla! Era sua, pertencia-lhe! Fôra êle que dera a parte principal! E á noite foi busca-la a casa dum companheiro. Entrou, fez-se homem, e alçando-se nas pontas dos pés, exigiu.

«A bola é minha! Ou eu jogo! ou ninguem joga!» E levou-a.

A tarde seguinte foi de desapontamento e de tristeza.

O corcunda levou a bola! Hoje ninguem reina! O malandro não a quer emprestar!

E, nessa tarde, depois da venda, o corcundinha ficou em casa. Pelos vidros do postigo da porta viu extinguir-se pouco a pouco a luz sobre as lages do beco. A bola ali estava, a seu lado, poeirenta ainda das corridas da vesperas. As suas mãosinhas acariciavam o coiro macio da péle cheia... Mas de que lhe servia ela, se ninguem o queria, se ele não podia correr um minuto a traz dela, sem aquela aflição que lhe vinha ao peito?

Sim, a bola era para os outros, para aqueles que eram fortes... e não quiz comer as sopas que a mãe puzera sobre a taboa da cadeira, num velho tacho queimado de muitos jantares...

E saiu.

—Onde vais?

—Vou á praia ter com o «Zé» da Joana, a fazer as contas da venda. Se vier ahi o Chico, a mãe dê-lhe a bola, diga-lhe que fui eu que lha mandei entregar.

—Então ela não é tua?

—E', mas é cá uma combinação. A mãe dê-lha se êle ahi vier amanhã de manhã.

—Não te demores...

- Não, mãe... Mas «vomecê» deite-se...

E, já na rua, um soluço violento, confrangedor, convulsivo, tomou-lhe a garganta como uma mão de ferro...

* * *

Esperou que tudo fosse silencio em volta. O Aterro áquela hora ia ficando deserto e tranquilo.

Tinham já passado para Santo Amaro os ultimos carros, velozes e vazios.

Só os grandes arcos voltaicos, oscilando ao vento, punham na larga Avenida gigantescas pinceladas de sombra. O carro de obras, com os seus fachos vermelhos dos archotes, rolou no silencio da madrugada, e a Geradora electrica de Santos, depois de resfolegar durante uns minutos, repousou tambem das canceiras do dia.

Na sombra do jardim, as palmeiras esguias tinham o ar funebre de obeliscos negros, e num banco, um velho marujo, ebrio, tombou, morto de cansaço. O pequeno deslisou sobre o relvado, como um reptil. Chegou-se ao marco fontenario. Tirou da algibeirinha das suas calças largas um punhado de grânulos escuros, e deitou-os no púcaro da agua. Esteve, pacientemente, com um pausito, a desfaze-los; depois, ajoelhou-se. Era a primeira vez que sentia a necessidade de resar. Olhou em volta. Tirou o chapeu, e, resoluto, fechando muito os olhos, emborcou dum trago a beberagem horrivel. Mordeu, entre os dentes, os fosforos mal desfeitos e adstringentes, e cuspiu fóra. Sentou-se no banco e esteve absorto e amarfanhado longos minutos...

Veio-lhe um vomito. Parecia-lhe fogo no ceu da boca, e logo depois um repelão no estômago como, se uma chaga viva estivesse a receber a aragem fria. Levou a mão ao peito e uma tontura violenta fê-lo tombar.

Espumou uma aguadilha branca, e foi então um horror de dôres, em todo o corpo, a faze-lo rolar, em uivos surdos, sobre a relva humida...

Quando o sol doirado, branco, iluminou de raspão as áleas do Jardim, um grupo dos da descarga do carvão

Estava hirto sobre a relva do jardim...

já o tinha visto. Os homens pegaram-lhe, e atiraram-lhe sobre o rosto um golo de agua. Mas breve tiraram os chapeus e seguiram, com magoado andar, para as docas do trabalho.

O «Corcundinha da Rocha» estava morto—e saia-lhe da algibeirinha das suas largas calças a estampa popular dum jogador de football, vigoroso e forte...

UMA NOVELA CAPILAR COMPLETA...

A GUERRA AO PÊLO

Oportunississima narrativa, cheia de ironia e de pitoresco.

LEIA ESTA NOVELA, QUE O DIVERTE

—POIS meu caro—disse ainda ao Inocencio—acautele-se.

—Mas como?—Indagou ele, suplicante.

—Impondo-se como chefe da familia, servindo-se da sua autoridade, como mais velho, mais experiente, mais...

—Mais encravado...

—Sim, pode tambem invocar esse atributo.

Na verdade penalisava-me sinceramente o desgosto que afligia o bom Inocencio Rosado, velho e honrado amigo, infatigavel trabalhador, honesto comerciante da nossa praça, para quem a familia era tudo. E era precisamente a familia que o martirisava agora com as mais crueis exigencias e as mais desorientadoras extravagancias.

O pobre Inocencio fôra sempre um admirador apaixonado das longas tranças, dos fartos cabelos, dos belos penteados monumentais.

Pois via-se agora constantemente assediado, instado, invectivado por todo o recheio feminino do seu lar, tenazmente encarniçado em conseguir dele a ordem necessaria para o corte dos varios ornamentos capilares da numerosa familia.

As filhas, a mulher, as duas tias muitissimo solteiras que possuia, a mãe, a propria sogra, não o largavam.

Não o deixavam pensar noutra coisa. O desgraçado tinha já pesadelos horriveis:

Via-se afogado em tranças, arrastado por ondas tenebrosas de cabelos revoltos, emquanto uma chuva teimosa de cabelos negros, louros, brancos, escurecia tudo; por fim, quando já uma trança mais forte o estrangulava, ele, sufocado, num desesperado esforço, alcançava uma tesoura enorme, que descia faiscante do espaço e a que, afinal, num ultimo esforço conseguia deitar a mão. Nessas noites acordava sempre aos berros da mulher, cujos cabelos Inocencio puxava desesperadamente.

* * *

Desde a inesperada decisão tomada por um politico em destaque, rapando

A minha sogra e duas tias fundamentalmente solteiras...

a barba que verdadeiramente o distinguia, ele nunca mais poude usar a sua tranquilamente.

Aquela cuidada barba á Guise, que usava desde a infancia e em que fazia tanto gosto, teve que ser imolada perante as asperas censuras das senhoras.

Argumentou-se com tudo. Chegou a insinuar-se que o seu gesto rebelde, a sua teimosia em não rapar os queixos seria tomada como opinião discordante, como censura ao gesto vindo de cima.

Por fim, temendo que a sua persistente recusa pudesse trazer graves in-

A cosinheira e a sopeira, tudo tosquiado á «garçonne».

convenientes partidarios, o infeliz, resignado, prestou-se ao sacrificio. Mas as lagrimas corriam-lhe pela face envelhecida.

O barbeiro nem teve necessidade de molhar o pincel.

Condoído por tão tragico relato, insisti no meu ponto de vista.

—Imponha-se, meu caro, ponha-se no seu logar,—aconselhei de novo. Doutra forma, estará perdido. O genero capilar atravessa, com efeito, uma tremenda crise de exterminio e desolação. Verdadeira epoca de terror, de guerra ao pêlo. Terrivel momento de feroz destruição, de furor tosquiativo, em que, de horror, por certo, todos os cabelos devem estar em pé.

Uma verdadeira legião de cabeleireiros de tesoura em riste surge açodada e um autentico arsenal de giletes, navalhas e depilatorios ameaçam de côrte e de morte os pobres cabelos.

Devemos, porem, confessar que a culpa é toda nossa.

Nós demos o lamentavel exemplo. Começámos por imolar aqueles fartos bigodes, as complicadas peras, as caprichosas moscas que tinhamos herdado dos nossos antepassados. E só depois é que essa onda devastadora se comunicou ao sexo fragil, onde tomou, como era de esperar, as proporções de verdadeira furia, de febre destruidora, que, começando nas cabeleiras, já atingiu as sobrancelhas e não sei onde terminará.

Inocencio estava sucumbido.

—É certo;—disse-me consternado,—as senhoras fizeram disto uma questão pessoal, uma questão de vida ou de morte, e não teem limites na sua furia destruidora. Onde descobrem um magro cabelinho solitario, caem sobre o infeliz com todo o peso do seu rancor depilatorio. Já tenho pensado nas saudades que certos insectos devem ter dos tempos felizes dos fartos caracois, das cabeleiras intensas, dos grandes penteados, esses esplendidss parques, esses opulentos bosques de recreio dessa fauna. Pobres parasitas. Que saudade terão dos bons tempos da barba á *passa piôlho!* Hoje, o piôlho já não passa e, o que é pior, já quasi não tem campo onde mover-se; e por este andar verá em breve chegado o seu fim, na aridez dos imensos desertos que irão restar desta hecatombe.

—Mas—interrompi receioso—isso é conferencia, amigo Rosado, ou pretende V. impingir-me algum elixir contra a calvicie?

—Estou simplesmente penalisado com a sorte que espera esses infelizes—lamentou o bom Inocencio, limpando uma lagrima furtiva.—Não imagina a que ponto chegou, por exemplo, em minha casa, o odio ao pêlo. A minha filha mais nova pede a Deus que a livre dum marido com bigode. E a mais velha, que não tem namorado senão carecas, foi agora pedida por um rapaz calvo, empregado numa fabrica de loções para o cabelo. E creia que muitas vezes, perante os olhares furiosos de minha mulher e de minha sogra, chego a temer pela integridade da minha rica cabeleira. Ora eu não posso viver assim, neste martirio constante.

—Só lhe vejo um remedio, amigo Rosado.

O infeliz olhou-me numa ansiedade.

—Sim meu bom, meu excelente amigo. Você tem de desenvolver na familia, por todas as formas ao seu alcance, o gosto pelos ornamentos capilares. Já pela palavra, já pela pena, já pelo exemplo. E vou fornecer-lhe o primeiro conselho a seguir. Conhece aqueles russos que andam por essas ruas, de cabeleiras ao vento e colarinhos á mamã?

—Com grandes cabeleiras de apostolos?—inquiriu Rosado, tremulo de emoção.

—Sim—respondi;—esses verdadeiros apostolos da guedelha, cujas cabeleiras são perfeitas florestas virgens onde a mão do homem nunca pôz tesoura.

—Bem sei,—fez Inocencio, numa esperança;—ainda ontem vi um, de cabelo á Ninon e barba á *passa piôlho.*

—Como á *passa piôlho?*—, protestei. Diga antes, onde esses animais nossos inimigos por certo permanecem, engordam e mesmo se divertem; onde, emfim, tais parasitas teem, por assim dizer, cama, mesa e roupa lavada. Pois muito bem; vai convidar um desses russos para jantar em sua casa.

Inocencio Rosado olhou-me com o espanto proprio de quem foi convidado para ir pôr uma bomba á porta duma esquadra de policia. E perante a minha insistencia, Rosado, palido de emoção, disse-me apenas:

—Mas se eu lá entro com esse peludo julgam que é uma provocação e nem um pelinho se nos aproveita. Saímos de lá perfeitamente depenados.

—Ó Inocencio, mas então que especie de homem é você?—fiz eu numa censura.

—Um homem de sexo masculino, maior e vertebrado.

—Pois olhe, não parece!

Inocencio, partiu desiludido.

* * *

Pouco tempo depois tornei a encontra-lo perfeitamente acabrunhado.

—Triunfou a maioria—disse num lamento.

—A maioria e a gilete.

—Não imagina a desolação. Nem reconheço a familia.

Estou constantemente a confundir

Era um valente microbio de duas pernas...

umas com as outras. Ha dias, ao passar no corredor, julguei vêr o meu caixeiro e chamei: ó rapaz! Ele, nada. Chamei novamente, e nada. Ia já a fornecer-lhe uma bolacha para fortalecer os pavilhões auditivos, quando afinal reparei, a tempo, felizmente, que não era o marçano; era a minha Celeste com o cabelo á Garçone. Um horror!

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9

VARIA

CAMPO PEQUENO

MAL supunha eu, quando no numero passado dizia que a epoca de 1926 corria brilhante, prometendo levantar a tauromaquia bastante abalada por culpa de quem mais interesse tem ligado ao velho divertimento, que hoje tinha que dar o dito por não dito, lastimando que os referidos interessados chuchem com quem os aconselha para o bem comum.

A corrida de domingo foi a pior das que se têm realisado nos ultimos tempos, e a repetir-se quanto ali se fez, pode contar a tauromaquia em Portugal com os seus dias terminados.

No ante-penultimo numero de «O Domingo Ilustrado», em curtas palavras expuz o que foram e deviam ser as alternativas, e a empreza, ou por acinte ou por ignorancia, entendeu que devia fazer o contrario, apresentando como apto a desempenhar as dificeis funções de toureiro profissional um individuo que se prejudicou por culpa dos maus conselheiros.

Refiro-me a Domingos Mesquita, a quem

MANUEL A. RODRIGUES, *El Rodriguito*, aficionado e cronista tauromaquico que arca com as grandes responsabilidades da direcção da corrida de hoje.

apenas lhe reconheci valentia e vontade de agradar, o que já é alguma cousa, mas muito pouco para uma alternativa.

E' á respectiva Associação dos Toureiros que compete manifestar-se sobre este caso.

Houve há pouco um concurso de ganaderias, excluindo-se, ou antes, pondo-se á margem o nome consagrado de Emilio Infante da Camara, para na corrida de domingo o premiado desse concurso fornecer o que se viu: touros mansos, irregulares e saltadores.

Anunciara-se com muitos e pomposos adjectivos e superlativos o «niño» de 13 anos que promoveu uma «zaragata medonha» por se negar a bandarilhar um bezerro, por medo ou ignorancia, e depois de tudo isto voltou-se toda a multidão contra quem menos culpa teve da trovoada que se desencadeiou em toda a praça: o director da corrida, «Rodriguito».

A proposito deste senhor, de quem não tenho procuração para o defender, nem eu tampouco me prestava a isso, quero emitir o meu parecer, com a consciencia firme e a pratica de quarenta anos de lidar de perto com touros e toureiros, desde as arenas onde me defrontei com reses bravas, até ao presente, em que apenas vejo de sector.. A manifestação de desagrado feita a «Rodriguito» não teve fundamento legitimo; com touros maus e sem toureiros não se pode dirigir uma corrida e, quando muito, ampara-la, como «Rodriguito» fez até ao 8.º touro.

Já me sentei naquela cadeira, no Campo Pequeno, e felizmente nem uma amostra de protesto eu ouvi, mas sei—que o digam os praticos—que esse logar é o mais espinhoso que existe adentro de uma praça de touros.

Na corrida de domingo apenas se aproveitou o trabalho dos Casimiros, muito em especial dois ferros curtos de cada um dos tres cavaleiros, dois pares de bandarilhas de Plas Flores, outro de Custodio e mais uma pega valentissima de Manuel Burrico; o resto foi desordem, acirrada no 9.º e 10.º touros, em que se prolongou, respeitabilissimo, o combate de almofadas e os espectadores invadiram a arena, sem respeito pela autoridade, que se manifestou impotente para fazer entrar na ordem o publico revoltado.

Por hoje, só quero lembrar á Empreza o que se passou na celebre tourada nocturna, no Campo Pequeno, em que pela ultima vez toureou nesta praça o cavaleiro Victorino Froes.

ZÉPÊDRO

* * *

Detalhe da corrida, de hoje, no Campo Pequeno

1.º touro para — Antonio Luiz Lopes
2.º » » — Espada «Pouly».
3.º » » — Espada «Chaves» com picadores.
4.º » » — Bandarilheiros portuguezes.

INTERVALO

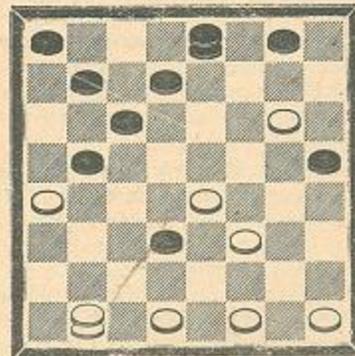
5.º touro para—Antonio Luiz Lopes.
6.º » » — Espada «Pouly» com picadores.
7.º » » — Espada «Chaves»
8.º » » — Bandarilheiros portuguezes.

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

solução do problema n.º 69

	Brancas	Pretas
1	13-17	26-13
2	18-22	13-31-20
3	19-23	12-19-26
4	2-6	20-7-17
5	6-13-22-31	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 70

Pretas 1 D e 8 p.

Brancas 1 D. e 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 68 os srs.: Alfredo Costa (Barreiro), Alvaro Santos, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Bento Faria Artur, Carlos Gomes (Bemfica), D. Emilia de Sousa Ferreira, Ruy Freiria, Sociedade Mario Dias e Afonso Aço, Um principiante (Carvalhos) e Barata Salgueiro (Bemfica), que nos enviou o problema hoje publicado.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

N.º 5 — 1.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

23 MAIO 1926

Apuramento do n.º 2 (1.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

CAMARÃO

N.º 3 — 3 votos

N.º 1, de LHALHA . . . . 2 votos
» *7, de AFRICANO* . . . . 2 »
» *2, de ZEQUITOLES*. . . . . 1 »
» *6, de D. SOLIDÃO*. . . . . 1 »
» *9, de ORDIGUES*. . . . . 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AULEDO, D. GALENO (da T. E.), KURITSA, MAMEGO, MARIANITA.

Com 9 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

D. SIMPATICO (da T. E.), VIRIATO SIMÕES 8 - D. K. K. TRO, LORD DÁ NOZES, 7—AVIEIRA, 6

OUTROS DECIFRADORES

MIEL, 4

DECIFRAÇÕES

1—*patota*, 2—*erogar*, 3—PERCUSSO, 4—lancear, 5—vaso; 9 *mascabo*, 7—*crêso*, 8—ditoso. 9—*contra-marca*.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 9, de ORDIGUES, com 5 decifradôres.

DEDICATORIAS

Lord Dá Nozes decifrou a charada que *Camarão* lhe dedicou.

CHARADAS EM VERSO

1)

No teu olhar doce e brando,
Feito de tanta doçura,
Eu sinto, de quando em quando
Um sorriso de ventura!

Vivendo desiludido,
Sòmente, em ti, vou pensando,—1
Revendo o tempo querido,
«No teu olhar dôce e brando».

E vejo, num breve sônho,
Tua imagem bela e pura,
Sorrir com um ar tristonho,
«Feito de tanta doçura!»

E que prazer grato e santo
Comigo trago, lembrando
Que, dêsse olhar, o quebranto
«Eu sinto, de quando em quando...»

E quanta *graça*, querida,—1
Em todo o teu sêr perdura,
Fazendo *cantar*-te á vida,
«Um sorriso de ventura...»

Lisboa — D. SIMPATICO (T. E.

(Ao meu ilustre confrade HOFE)

2)

O meu visinho *defronte*,—2
Homem *vil* e sem talento,—2
Passa o dia, alegremente,
Tocando neste «*instrumento*».

Lisbôa — VASCO H. DIAS (da T. E.)

CHARADAS EM FRASE

(A CAMARÃO e LORD DÁ NOZES, *agradecendo o* arpão)

3) E' de toda a *conveniencia* que, com êste *movimento*, se consiga a *elevação*.—1 -2.

Lisboa — MENINAXÓ

4) E' *homonimo* de *Budha*, o *cambiadôr*.—2—1

Lisboa — ORDIGUES

5) A *condescendencia* é propria de *um* homem *benevolo*.—4—1

Lisboa — D. K. K. TRO

6) *Silencio!* E' um gatuno *que* tenta passar *revista* ao cofre!—1—1

Lisboa — D. GALENO (Da T. E.)

7) *Quasi* sinto *aflição* por vêr o D. Vasco cativo *do sitiadôr!*—2—1

Lisboa — AVIEIRA

8) Na minha *familia* tudo *tira* lucro, mesmo mes[illegible] apesar de sêr um *beberrão*!—2—2

Lisboa — LORD DÁ NOZES

CORREIO

VASCO H. DIAS.—Tenho muito prazer em contá-lo no numero dos colaboradôres do *Moinho*. Muito obrigado.

MENINA XÓ—Então, ficamos por aqui?

LORD DA' NOZES.—Recebi tudo. Muito obrigado.

D. GALENO.—Explendidos! Agradeço.

SANCHO PANÇA.—Então? Gostei da amostra. Pode vir a fazenda...

AVIEIRA.—Só tenho uma producção de V. Ex.ª Seria conveniente mandar reforço que agradecerei.

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções *devem indicar a produção que mais lhes agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a Rua Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE — Serão anuladas, na *distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam *a votação* do melhor trabalho publicado.

DR. FANTASMA

Varia

RESPOSTAS A CONSULTAS

NERO.—Temperamento que vibra a toda a classe de sensações, muito orgulho e muita dignidade, generosidade impulsiva e intermitente, violento, trato original, ciumento, egoista, um tanto ambicioso e calculador, mas não o aparenta; forte sensualidade.

PEROLA BRANCA.—Muitos nervos, caprichosa, muita vaidade, inteligencia pouca cultivada, um tanto infantil, teimosias pueris, espirito religioso, amor aos livros bonitos, aos bonecos e ás flores, ordem nos objectos e desordem nas ideias, generosidade pródiga, ciumes, amor á mentira.

IDEALISTA. — Temperamento exaltado e sem se saber dominar, má memoria, optimismo, espirito religioso profundo, sentimento de poesia, generosidade bem entendida, desordem, fraca força de vontade, sensualidade cerebral.

OLVA.—Caracter impulsivo e dedicado, habitos de trabalho, energia moral, inteligente, reserva absoluta, ordem, pouca ou nenhuma vaidade, independencia de ideias, veracidade, memoria só para certas coisas, nervos bem dominados.

FRANCO «Um leitor do Domingo Ilustrado». —Caracter franco e sensivel, apaixonado, bondoso, mas um tanto ciumento, generoso ás vezes, vaidade intima, boa memoria, mais intuição que inteligencia, optimismo.

BUSTE DOS MOINHOS IMPELGADOS. —Bom gosto, inteligencia clara, esperteza para os negocios, pouca vaidade e muit orgulho, um tanto amante da ironia, sentimento de arte, desconfiado, curioso, vontade firme, amor á estetica e aos livros.

UM LEITOR DOMINGUEIRO. — Força de vontade, impaciente, imaginação, lealdade, generosidades pródigas, boa memoria para certas coisas e má para os objectos, orgulho bem entendido, pratico nas ideias e deixando-se iludir poucas vezes, bom coração, mas pouca preguice.

LORD NOTTUNG.—Espirito pratico, amor á justiça, lealdade, generosidade, muito bem entendida, muita dignidade espirito de trabalho, força de vontade tenaz, um pouco ironico ás vezes, parco em palavras e gestos, gostos sobrios, mais pessimismo que optimismo.

JOTABÉ. — Caracter desigual, orgulhoso e facilmente irritavel; no entanto possue um bom coração, muita lealdade e muita inteligencia, imaginação viva, temperamento apaixonado e ciumento, memoria esplendida, sentimento de poesia e incapaz de revelar um segredo; amor á estetica.

UMA SENSITIVA.—Mundanismo, bom gosto para tudo, muita vaidade e muito orgulho, generosidade larga, esmòler, intuição, espirito fino, habilidade manual, muito amor á estetica e ás artes todas, sensualidade delicada e cerebral, amor ás flores e á leitura.

Recebidas nesta redacção as cartas seguintes que não traziam dinheiro estipulado.

NO MESMO ENVELOPE.—«Semper Mobile» «Toujours fidelle» Cams Julins», «JEAN SANS PEUR». «MARIA JOÃO».

DAMA EKRANTE

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. ALVARO COUTINHO, 17 R/C.—LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior, sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

AULEDO, MENINA XÓ, VARANDAS, MARIO NUNES DOS SANTOS, ARISTOTELES, DOIS PRINCIPIANTES, CONDE, SPARTANUS

DECIFRAÇÕES DO N.º 69

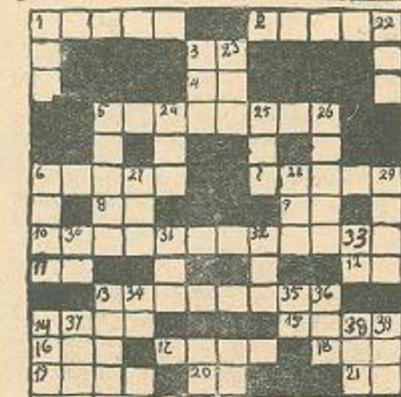
HORIZONTAIS. — 2—ira, 5—um, 12—paz, 13—ao, 15—pi, 20—anota, 21 Rui, 22—AVE, 23—aro, 24 on, 25— Berma, 26—roa, 27—castelo, 28—ala, 29—cá, 30—aro, 31—rá, 32—AA, 33—av.

VERTICAIS —1—aro, 2—in, 3—lua, 4—anena, 5—uva, 6—at, 7—iav, 8—Braco, 9—ara, 10—ia, 11—Montijo, 12—pá, 16—ils, 17—er, 18—roe, 19—má.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso ilustre colaborador Ex.mo Sr. Abilio Peralta Bastos.

HORIZONTAIS.—1—um dos cinco sentidos, 2—vazilhas (para vinho), 3—duas consoantes iguais, 4—áquele, 5 paisagem, 6—sabor e cheiro acre que adquirem certos elementos, 7—arremeça, 8—pão doce, 9—carta de jogar, 10—qualidade do que é anormal, 11—duas letras de «Luz», 12—primeira e ultima vogais, 13—fazeis a relação, 14—ter amôr, 15—no calçado, 16—zombar, 17 projectil, 18—eia! 19—sentimento, 20—caminhava, 21—áquele.

VERTICAIS.—1 - caminho, 22—astro, 3—animal domestico, 23—rubôr, 5—filho da galinha, 24—adv. de negação, 25—liga, 26—previne, 6—verdadeiro, 27—rubor, 28—anagrama de DAT, 29—irreligioso, 30—despido, 31—molestia, 32—zanga, 33—oferece, 13—dificil de encontrar, 34—nota musical (invertida (35—nota musical (invertida), 36—isolados, 14—pedra de altar, 37—me, 38—satélite da Terra, 39—ocasião, 40—suspiro, 41—ali.

CORREIO

SPARTANUS.—Tenha a bondade de entrar. Será sempre bem recebido.

DOIS PRINCIPIANTES.—Sai no proximo numero, um dos problemas.

MENINA XÓ.—Espero mais . . .

MARIO FREIRIA.—Idem, idem . . .

KURITSA.—Idem, idem . . .

ILDA PEREIRA E SILVA.—Aspas, aspas . . .

DR. FANTASMA

A guerra ao pêlo

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7)

As minhas tias, com os cabelos pendentes por cima das orelhas, estilo cão de agua, parecem maestros disfarçados. A cozinheira parece um galucho. E então a minha sogra levou o exagero ao ponto de cortar o bigode á americana e a rapar aquelas suissas que lhe davam muita graça. Emfim, não posso olhar taes cabeças. A familia faz-me lembrar um jogo completo de escovas.

—Só vejo nisso uma vantagem—aventurei eu, tentando um ultimo conforto. Deve ter notado mais brandura nas senhoras, ausencia de mau genio; porque decerto já hoje não deve existir ninguem com cabelinho na venta. Seria extranho que tão debeis representantes da flora capilar tivessem escapado da hecatombe geral. Acho, porem, que esse desgosto que o punge e esse mal que o atormenta devem ter uma causa e você deve cortar já o mal pela raiz.

—Não me fale em mais córtes.

—Sim, Rosado Inocencio; você tem de ir á fonte.

—Está brincando?

—Refiro-me á fonte desse mal. Á sua origem.

Isso tem todo o aspecto duma epidemia. Quem sabe se algum bacilo, algum microbio, especie de filoxera do pêlo. Veja você se o descobre e terá prestado um relevante serviço á humanidade. E quem me diz a mim que não tenho na minha frente o futuro idolo das multidões, o Messias do genero capilar, o redentor do couro cabeludo...

Inocencio retirou-se impressionado. Durante meses não o vi.

Ontem, ao subir a Avenida, senti que alguem gritava o meu nome, e ao voltar-me vi o Inocencio correr para mim, com grandes gestos.

Abraçou-me; e com a alegria propria de quem tivesse descoberto a pedra filosofal ou uma casa sem trespasse, bradou-me num entusiasmo:

—Eureka! O microbio caiu finalmente na esparrela. Já não me escapa. Apanhei-te, bacilo. E era microbio de 2 pernas. Mesmo que tivesse mais não me escapava . . .

Convenci-me que o pobre Inocencio tinha enlouquecido.

Ia prudentemente retirar-me, quando ele então, com um pouco mais de calma, me explicou a razão do seu inesperado entusiasmo.

Tinha descoberto que o tal microbio que atacara os ornamentos capilares de toda a população feminina do seu lar era o namorado da cozinheira, que tinha uma loja de cabeleireiro de senhoras e usava aquele meio amoroso para a propaganda das novas ideias depilatórias no seio das familias.

AUGUSTO CUNHA

XADREZ

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 70

Por S. Loyd

Pretas (5)

(Brancas (4)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 68

1—C 6 C R

Um interressante Nowotny

O tema Nowotny consiste na interposição mutua entre uma torre e um bispo, isto é, a torre procurando defender a casa do mate intercepta o bispo que bate outra casa aonde o mate pode ser dado, ou, vice versa, o bispo procurando defender a casa do mate intercepta a torre que pode tomar a peça que dá mate.

Resolveram os srs. Marques de Barros; Nunes Cardoso, Grupo Albicastrense, Vicente Mendonça e Club Portuense (Porto).

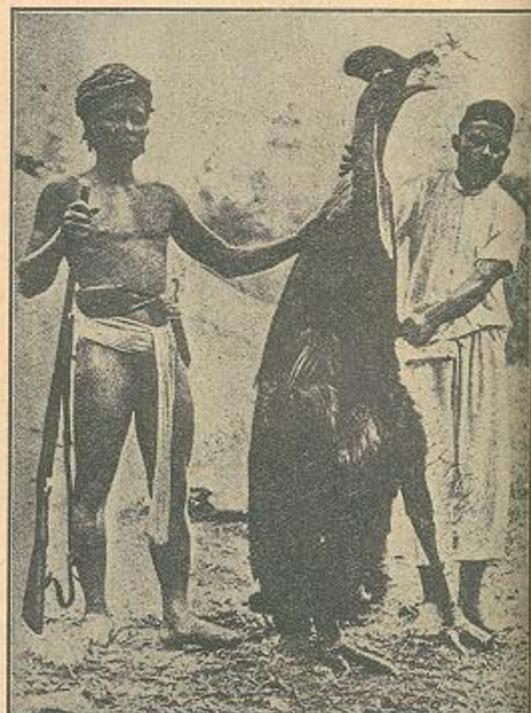
Actualidades gráficas

A CORRIDA DE HOJE NO CAMPO PEQUENO

Tenente-coronel Ferreira do Amaral, ilustre comandante da policia e presidente da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, que hoje promove o grande espectaculo de beneficencia.

OS SPORTS FEMININOS NO JAPÃO

Grupo de nadadoras no Japão, esperando a vez de entrarem numa grande prova nautica. O Japão prepara-se para a grande concorrencia olimpica, com desusado «entrain».

UM BICHAROCO UNICO!

Durante uma grande expedição a regiões inexploradas da Australia, dois exploradores belgas conseguiram apanhar vivo um bicho inédito, meio avestruz, meio galo gigantesco, e que tem causado assombro onde aparece.

AS CORRIDAS DE CAVALOS

Momento emocionante em que o jockey do cavalo vencedor do grande premio, atingindo a victoria, observa o seu colega vencido.

AS CORRIDAS DE CAVALOS

Gentil grupo de elegantes nas corridas do Jockey-Club, entre as quaes as apreciadissimas artistas do Maria Victoria, as afamadas "Girls„ inglezas.

Publicidade

Telefone 1094 N.

A MAOIR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Uma maravilha de mecanica

O torpedo sport "2 litros" *Rolland Pilain* que no "Concurso de Resistencia das 24 horas" obteve uma bela victoria para aquela explendida marca e que em Outubro ultimo bateu os Records do Mundo de resistencia de todas as categorias dos 4000, 4500 e 5000 kilometros.

DENTRO: Duas novelas completas, colaboração de André Brun, Feliciano Santos, Thomaz Colaço, Augusto Cunha, Leitão de Barros, Ferreira de Castro, etc.